

PAIGC

PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO VERDE

APRECIÇÃO INIMIGA DOS ERROS QUE COMETEM NO COM-
BATE E MEDIDAS PARA A REPARAÇÃO DOS MESMOS ERROS

Comissariado para as F.A.R.P.

Informação

Janeiro 1974

4. CONCEITOS, PROCESSOS E MÉTODOS DE ACÇÃO

a. LAÇOS ORGÂNICOS DAS UNIDADES

O espírito de corpo das unidades, factor básico de um bom rendimento operacional, deve ser melhorado constantemente através de medidas adequadas, em todos os escalões de Comando.

Nestas condições, em princípio, devem ser respeitados os laços orgânicos das Unidades, e obviamente banido todo o critério de nomeação que afecte aqueles laços.

b. ESPÍRITO DE MISSÃO

(1). Todas as unidades que entram em sector recebem uma missão. Esta missão traduz-se no domínio da zona de acção que lhe foi atribuída, do ponto de vista do controlo e defesa da população ou da eliminação dos grupos IN, conforme as características da respectiva zona de acção.

É evidente que, quanto maior for a permanência das unidades na respectiva zona de acção, maior será o seu rendimento operacional. Assim, em princípio, as unidades permanecem durante toda a sua comissão hipotecadas ao cumprimento da mesma missão, só sendo de admitir a sua substituição, por motivos de excepção.

(2). Uma tropa empenhada numa operação tem uma missão a cumprir que se traduz numa missão específica de combate ou numa missão de reconhecimento de determinada área. Atendendo a que a execução das operações depende, directa ou indirectamente, de factores imprevisíveis, não é possível fixar "à priori" a sua duração. Há que incutir nas tropas um verdadeiro ESPÍRITO DE MISSÃO, que as leve a explorar, em todas as circunstâncias, todas as possibilidades que lhes surjam no quadro do integral cumprimento da missão que lhes compete desempenhar.

c. EQUIPAS ITINERANTES DE APOIO, MELHORIA DA INSTRUÇÃO

- (1). Com vista a melhorar o nível de eficiência operacional, devem os Comandantes de Batalhão ou seus delegados, paralelamente com a actividade operacional, inspeccionar a instrução das subunidades.
- (2). Para este efeito, e com base nos elementos do Q.P. ou Q.C. com experiência operacional existentes nos Comandos de Batalhão, devem ser constituídas equipas itinerantes de apoio", que se deslocarão às subunidades comandadas por oficiais do Q.C. menos dotados ou com pouca experiência, a fim de lhes dar o conveniente apoio técnico, quer no campo da manobra táctica à escala Companhia, quer no campo da instrução de combate do pessoal.
- (3). As equipas itinerantes de apoio devem permanecer nas Subunidades o tempo mínimo de uma semana.
- (4). Seguidamente às operações em que tenha havido contacto com o IN, deve proceder-se obrigatoriamente à reconstituição da acção, realçando na crítica os ensinamentos colhidos e os erros cometidos a evitar no futuro.
- (5). As equipas itinerantes de apoio, aproveitando os intervalos da actividade operacional, devem incentivar a intensificação da instrução das NT - instrução individual do combatente e instrução de combate.

d. EXERCICIO DE COMANDO NA CONDUTA DE ACCÕES DE COMBATE

- (1). Um Comandante Operacional, seja em que escalão for, deve ter um profundo conhecimento das reacções do IN que tem de enfrentar :
 - Qual a sua doutrina e técnica de combate ?
 - Está noralizado ?
 - Está animado de espírito ofensivo ?
 - É agressivo ?
 - Que armas tem ?

- Como as emprega ?
- É manobrador ?
- Ou reage estáticamente pelo fogo, retirando em seguida (táctica do bate e fogo) ?
- É flexível, isto é, altera o seu dispositivo de combate ? Etc.,etc..

O IN ven aperfeiçoando, dia a dia, a sua tática de combate, revelando-se com elevada capacidade manobradora, raramente se deixando fixar. Explora hábilmente o efeito da surpresa, conjugando a acção fixante do fogo com uma falsa acção de retirada, para seguidamente voltar a emboscar as NT no seu eixo de progressão ou de retirada.

(2). A primeira condição de êxito de uma operação reside no seu eficiente planeamento que, necessariamente, se baseia :

- num perfeito conhecimento do IN, em ordem a permitir a formulação de uma hipótese realista sobre a sua localização, potencial e previsível reacção;
- num perfeito "controlo da operação" ajustado à hipótese formulada sobre o IN e às reais possibilidades das NT ;
- na articulação dos meios (forças terrestres e fogos aéreos) no espaço e no tempo, em conformidade com o "conceito da operação" o que necessariamente impõe a adopção de medidas prévias de coordenação que, em última análise, estão na base de um bom planeamento.

(3). Partido do princípio de que a operação se encontra tènicamente bem planeada, esta só poderá ter êxito se a acção for devidamente conduzida .

(a). Marcha de aproximação

A marcha de aproximação reveste-se da maior importância, dado que a maioria dos insucessos das NT resulta de uma posição de

inferioridade que tem a sua origem em erros cometidos durante os deslocamentos. Na maioria dos casos as NT entram escusadamente nas "zonas de morte" do IN. Na marcha de aproximação registam-se, como mais frequentes, as seguintes deficiências :

- deficiente escolha e estudo do itinerário de marcha;
- não se executam medidas de decepção ;
- não se tira partido da noite para deslocar as NT com maior segurança ;
- as forças deslocam-se em coluna cerrada (fila indiana) não se articulando em unidades elementares de manobra devidamente distanciadas ;
- não se evitam as zonas descobertas (bolanhas e lalas);
- não se respeita a técnica de progressão em zonas descobertas (bolanhas e lalas);
- não se evita o terreno que não permite o deslocamento silencioso ;
- não se evitam os obstáculos e não se respeita a técnica da sua transposição ;
- as forças deslocam-se pelos vales (bolanhas e lalas) não aproveitando as linhas de crista (matas) ;
- não se utiliza as faixas densamente arborizadas junto às linhas de água ;
- não se adaptam as formações de combate ao terreno, de que resulta as NT desloca-

ren-se em permanente ambiente de insegurança

- não se estabelece uma conveniente ligação entre as forças intervenientes na acção;
- o pessoal não se mantém em alerta permanente pronto a reagir rapidamente a qualquer acção do IN ;
- as tropas não observam, não escutam e não reconhecem os trilhos que encontram no itinerário de marcha ;
- o pessoal não transporta as armas em condições de pronta utilização ;
- o pessoal fuma, fala, come e bebe durante o movimento, não se cumprindo o principio de economia de esforço, de que resulta esgotar-se prematuramente ;
- rigidez no cumprimento de um horário pré-estabelecido, de que resulta a tropa deslocar-se com uma velocidade exagerada, esgotando-se prematuramente ;
- não se escolhem devidamente os locais para os pequenos ou grandes "altos" ;
- quando se pára não se monta a segurança próxima;
- não se marcam os sectores de tiro e vigilância;
- utiliza-se, no regresso, o mesmo itinerário da aproximação.

(b). Contacto com o IN

A primeira preocupação de um comandante de forças que foran surpreendidas pelo fogo do IN é a de fazer uma rápida análise da situação,

em ordem a decidir a sua manobra ; esta visa libertar as forças fixadas por envolvimento do IN, que se pode obter pela conjugação da acção dinâmica das NT com a acção dos fogos de apoio (fogos de aviação, de artilharia e de morteiro). No contacto com o IN registam-se, como mais frequentes, as seguintes deficiências :

- as NT não manobram deixando fixar-se pelo IN ;
- falta de disciplina no fogo, de que resulta um consumo exagerado de munições. Atiram sem ver os alvos, e se os vêem não acertam por falta de calma;
- não se articulam as forças para limpeza do objectivo ;
- não se explora o sucesso perseguindo o IN até à exaustão;
- não se estabelece uma segurança eficiente imediatamente após a conquista dos objectivos, reconhecendo os vários itinerários de acesso e montando emboscadas ou vigias sobre esses itinerários (500/1000 metros) ;
- não se reconhecem minuciosamente os objectivos, em especial a área circunvizinha (500 metros em redor) ;
- não se exploram eficientemente os prisioneiros, raramente se levando intérpretes preparados para o efeito ;
- não se sabem referenciar as armas IN (som e luz).

e. ACTIVIDADE OPERACIONAL COM OBJECTIVO DE RECUPERAÇÃO DE MEIOS DE VIDA

- (1). Para além do esforço de desenvolvimento sócio-económico que tem por objectivo melhorar as condições de vida das populações, há que dificultar aquelas mesmas condições ao IN, o que além de lhe afectar o seu potencial de guerra, diminuirá os meios de vida das populações sob o seu controlo, contribuindo para o seu desequilíbrio face ao contraste com as possibilidades de vida das populações sob o nosso controlo.
- (2). Mas tal desequilíbrio não se obtém de forma conveniente apenas pela destruição dos meios de vida do IN e das populações sob o seu controlo, mas antes através da transferência desses meios para a nossa posse.

- (3). Esta transferência de recursos contribuirá para reduzir os encargos com auxílios às populações vítimas das contingências de maus anos agrícolas, deslocadas por motivo de reordenamentos ou ainda para fazer face a apresentações maciças.
- (4). Nestas condições devem ser recuperados, sempre que possível, os meios de vida do IN e ou das populações sob o seu controlo.

f. CONDUTA DA ACTIVIDADE OPERACIONAL

- (1). Após ter sido recebida a MISSÃO, esta deve ser bem interpretada e estudada, com vista^a desenvolver a actividade operacional dentro de uma ideia de manobra que, em última análise, se concretiza na realização de esforços sucessivos (de duração variável) em sucessivas "áreas de esforço".
- (2). O esforço traduz-se num aumento da actividade operacional em determinada área, o que implica o afluxo a essa área dos meios necessários para a realização de acções dinâmicas, que garantam, em continuidade, intensa actividade operacional na área. É evidente que a dinamização de uma área corresponde necessariamente a um abrandamento de actividade operacional em outras áreas, o que implica o reajustamento das missões das unidades ou subunidades implantadas nas áreas temporariamente consideradas secundárias.
- (3). Nas "áreas de esforço", e muito especialmente nas zonas de acção de unidade desempenhando missões de contra-penetração, deve ser garantida uma actividade operacional contínua e persistente, o que só se poderá conseguir manobrando com a totalidade dos meios disponíveis. Para o efeito, impõe-se complementar a acção dinâmica das NT (reconhecimentos, emboscadas e golpes de mão) com a interdição temporária de determinadas "áreas" ou "corredores", através do emprego intensivo de minas e armadilhas. Pode-se, assim, em acção alternada, montar emboscadas em determinados trilhos e armadilhas noutros. Desta forma, obtém-se a continuidade da acção através da

interdição permanente ao IN de "corredores de passagem," que se obtém por um emprego ordenado de acções dinâmicas das NT (emboscadas) e de acções passivas (minas e armadilhas).

- (4). Em qualquer escalão de Conando, uma actividade operacional bem orientada traduz-se no desenvolvimento coordenado e harmonioso de :
- acções dinâmicas de reconhecimento, com vista a detectar trilhos de passagem do IN, e a reconhecer simultaneamente locais de implantação de emboscadas sobre os mesmos trilhos ;
 - acções de emboscadas, de preferência nocturnas, com vista a interceptar o IN nos seus movimentos, e a recolher elementos para a realização de acções "tipo golpe de mão" sobre as suas áreas de refúgio ;
 - implantação de minas e armadilhas nos corredores de passagem do IN, não interceptados por acção dinâmica das nossas forças (emboscadas) ;
 - acções nocturnas de emboscadas sobre os trilhos que conduzem às prováveis bases de fogos do IN para flagelar os aquartelamentos e bivaques das NT, ou implantação de minas e armadilhas sobre os mesmos trilhos (segurança das NT) ;